

JB - 4/1/82

ARTES PLÁSTICAS

1981, MAIS UM ANO DE REVISÃO HISTÓRICA

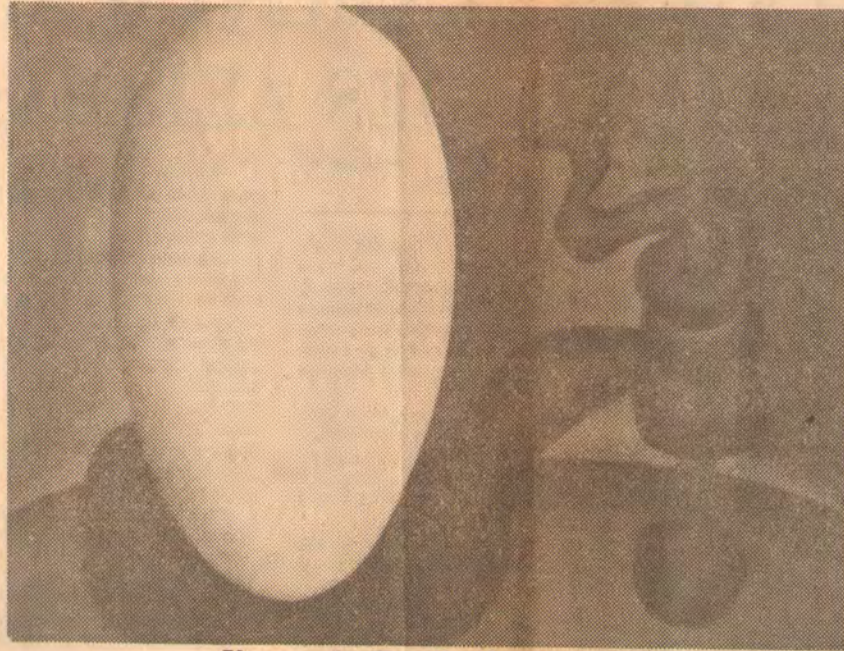
Wilson Coutinho

O panorama das artes plásticas em 81, foi marcado por uma necessidade de revisão histórica, processo que provavelmente deverá ocorrer no próximo ano. Foi um ano mais aberto à análise do que a experiência. Diluía a idéia de vanguarda, ainda inteira nos começos da década de 70, as artes plásticas movem-se agora entre uma constante tensão com os procedimentos de um passado recente, que vem desde o modernismo e suas avassaladoras ondas de ismo e a atual ânsia do artista inovador em dotar suas obras de uma personalidade contemporânea. Contudo, a novidade nova da imagem ainda não mostrou os seus verdadeiros contornos. Nessa tensão é que o passado é averiguado. E o artista acaba convivendo com

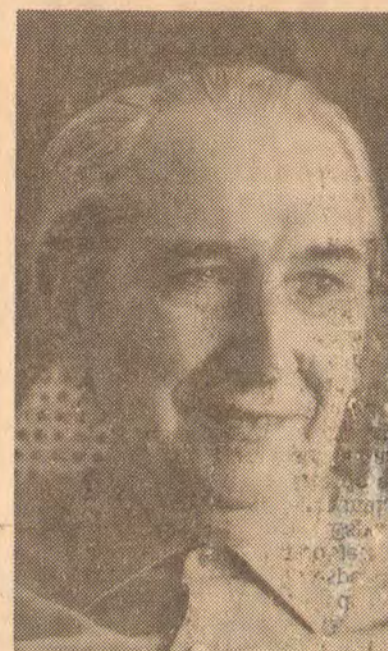
esse limite histórico. Daí a situação híbrida da arte contemporânea e o sucesso de abordagens retrospectivas como a coleção Gilberto Chateaubriand ou a de Goeldi.

Houve também esse ano um excesso de mostras. Todo espaço onde era possível encaixar pinturas, gravuras e fotografias foi utilizado. Faculdades, restaurantes, lojas de roupas caras. Em certas semanas ocorriam mais de 50 exposições. É preciso, portanto, exigir das mostras um cuidado mais profissional com produção de catálogos informativos e críticos. Exposições que contenham suficientes dados e informações didáticas.

Ano marcado pela revisão histórica, teve também uma desnecessária nota de tristeza: a morte do mais importante crítico brasileiro, Mário Pedrosa.



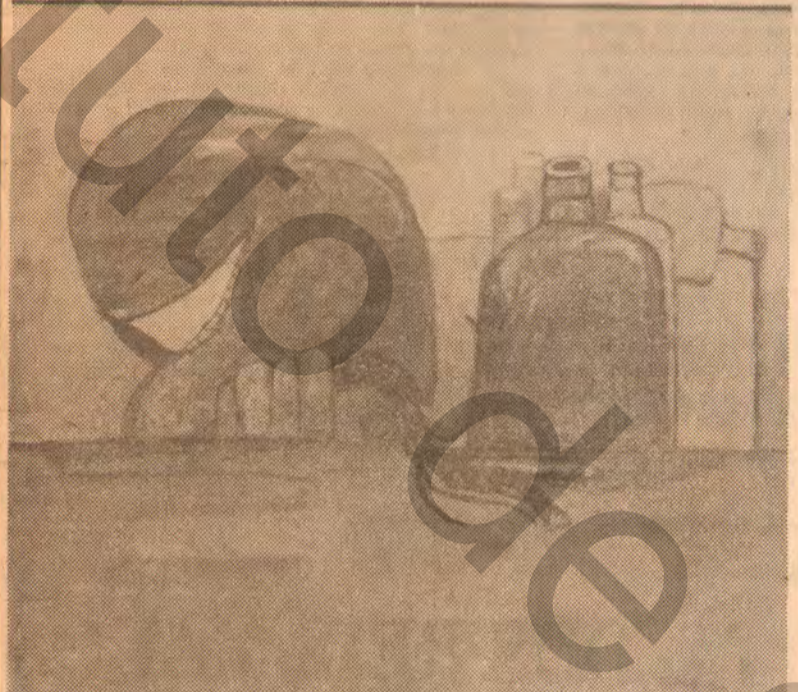
Urutu, de Tarsila do Amaral (Col. Gilberto Chateaubriand): o modernismo em revisão



Mário Pedrosa: a triste notícia do ano



Do Moderno ao Contemporâneo Coleção Gilberto Chateaubriand



Philip Guston: A Bienal de São Paulo com novo fôlego

AS GRANDES MOSTRAS

ARRASTANDO para o MAM um grande público, a exposição Do Moderno ao Contemporâneo-Gilberto Chateaubriand foi o grande destaque do ano. Traduziu, entre outras coisas, o desejo do público e também da cité plastique, esse complexo grupo de artistas e curiosos especiais que visitaram o MAM procurando, através de uma coleção particular, saber o que ocorreu em quase 60 anos de arte brasileira. O MAM também recebeu as obras do holandês Karel Appel, do grupo Cobra, uma trajetória que vai desde uma gestualidade expressiva baseada na arte espontânea dos loucos e das crianças até sua atual fase.



Karel Appel: o expressionismo figurativo do pós-guerra

Outro grande momento do ano foi a mostra Artistas Modernos Enquanto Ilustradores, embora tímida na sua proposta e pobre no volume de obras apresentadas e com a impossibilidade do seu manuseio. Mas importante por nos fornecer informações, por exemplo, sobre o trabalho de Picasso ilustrando o texto de Max Jacob ou de Jaspers Johns os textos de Samuel Beckett. E, principalmente, o Jazz, de Matisse. Que mesmo uma folha é de uma alegria constante. A exposição de Degas no MAM foi outro acontecimento, mas atropelado por um agrupamento de quiosques de uma feira

comercial de arte. O MAM com uma mão deu, com outra tirou. O que atrapalhou muito a exposição do artista francês.

Deve-se registrar a renovação da Bienal de São Paulo. Com a empenhada curadoria de Walter Zanini, a Bienal pôde mostrar as obras de artistas como Philip Guston e Paul Delvaux, além da Arte Incomum. E a representação brasileira foi cuidadosamente bem escolhida. Obras de Eduardo Sued, pinturas de Fajardo, La Bruja, de Cildo Meireles, o ambiente de Tunga, os vídeos de Anna Bela Geiger, etc. A Bienal voltou a ter respeitabilidade e atraiu público. E espera-se que ela questione seus erros e aprofunde as suas qualidades. Pode dar certo.



Goeldi na PUC: digna homenagem

A HOMENAGEM

EXPOSIÇÃO unânime do ano, escolheu da crítica paulista e carioca, foi a de Goeldi, no Solar Grandjean de Montigny na PUC. Organizada pelos alunos do curso pós-graduação em História da Arte, dirigido pelo artista plástico Carlos Zilio, a mostra concentrou inúmeras gravuras, desenhos, matrizes, ilustrações para jornais e

livros, fornecendo para o espectador preciosos dados sobre o gravador. Um esplêndido catálogo — textos das alunas do curso — e a tradução da correspondência do gravador Kubin com Goeldi deram a essa mostra um inesperado nível profissional. E mais ainda: nos 20 anos da morte do gravador foi a mais bem planejada homenagem ao artista brasileiro.



Franz Krajcberg: a memória da natureza

AS SINGULARIDADES

AS exposições — às vezes resumos de um itinerário — de artistas com sua problemática formal já evoluída marcaram o ano de 81. As esculturas de Sérgio Carmargo entraram no MAM para garantir ao museu uma excelente exposição. Foi a demonstração didática de um processo que une o racionalismo dos procedimentos construtivos europeus com a atividade lúdica do melhor da arte latino-americana.

Krajcberg, na galeria Jean Boghici, apresentou o percurso da sua obra desde os grandes relevos extraídos das formas das sombras até as suas colagens com pedras de Ibiza. Viu-se a constante renovação de um artista preocupado em extrair da natureza as formas da sua memória.

A vinda ao Brasil do gravador Arthur Luiz Piza, apresentando-se na Gravura Brasileira, foi outro excelente momento. O trabalho metódico de Piza, o domínio técnico e a invenção calculada, sem artifícios, possibilitou a esse artista que mora em Paris a realizar uma exposição bela e envolvente. Ione Saldanha, na Galeria de Arte do IAB, com seus bambus e refinadas pinturas foi outro destaque.

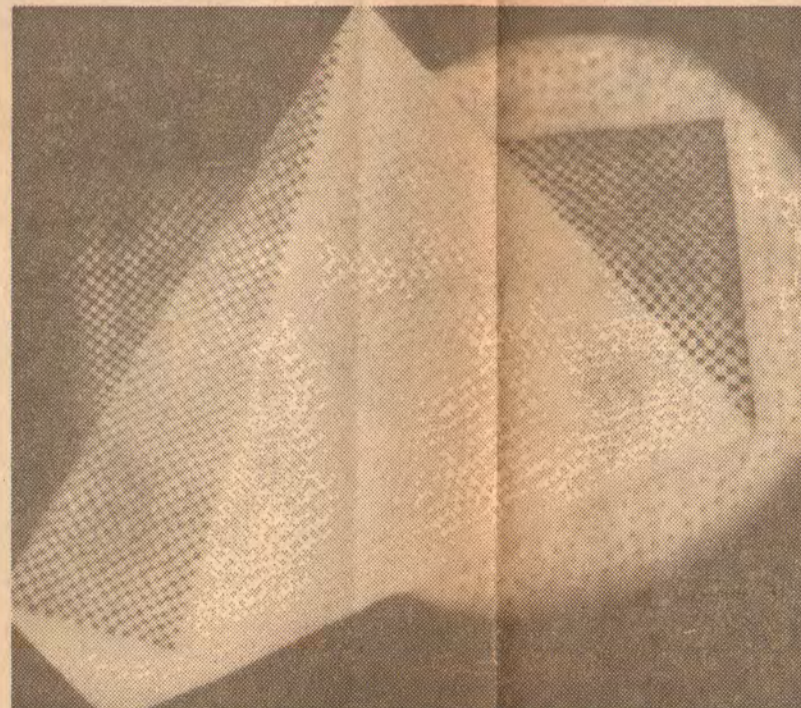
Com o Voyeur Amoroso, Rubens Gercham, na Saramenha, construiu um erótico levantamento do amor urbano numa exposição que agradou, especialmente, o público mais jovem. E Iberê Camargo, na Acervo, apresentou um novo caminho, com figuras surgindo entre fortes blocos de tinta.



Rubens Gercham: erotismo urbano



Ripas de Ione Saldanha: sutilezas cromáticas



Arthur Luiz Piza: invenção calculada

OUTRAS EXPOSIÇÕES

Outras mostras que merecem ser lembradas foram, na Funarte, A Casa de Paulo Roberto Leal e na área da fotografia, os trabalhos sobre a Cidade de Deus, de Hugo Denzart. Marcier exibiu o métier, inúmeras paisagens e principalmente inéditas aquarelas realizando, no final desse ano, uma excelente exposição na Jean Boghici. Thereza Simões e seus neons também foram um bom acontecimento na Cesar Aché. A Acervo, uma galeria altamente profissional, apresentou duas bem cuidadas mostras: uma, sobre o Carnaval abrangendo obras de inúmeros artis-

tas que o tematizaram e a outra sobre Antonio Parreiras.

Organizada por Lígia Canongia e na Funarte, Quase-Cinema também foi também uma cuidadosa e estimulante abordagem de quatro artistas — Arthur Omar, Antonio Dias, Miguel Rio Branco e Iole de Freitas — trabalhando com slides. A destacar, Tristão e Isolda, de Omar e as fotografias de Miguel sobre as galoias que navegam ou soçobram no Rio Amazonas. E a Bonino trouxe, no final do ano, com cerâmicas e pinturas a sagaz plasticidade de Poteiro.



Figura Inventada, de Cláudio Paiva: revelação

AS REVELAÇÕES

COM suas obras, geralmente vendidas a colecionadores de vanguarda, antes de serem expostas, Milton Machado nunca pode apresentá-las publicamente. Alguns desenhos seus surgiram esse ano na exposição Do Moderno ao Contemporâneo fazendo parte da coleção Gilberto Chateaubriand. Esse ano ainda, Milton Machado apresentou uma série de trabalhos numa das galerias da Funarte e encerrou o ano, de forma olímpica, com a exposição As Férias do Investigador, na Cesar Aché. Um inteligente trabalho com o desenho, utilizando-o com o raciocínio das

boas histórias policiais. Um jogo mental e de prazer.

Outra revelação foi a exposição, também de desenhos, de Cláudio Paiva, na Funarte. Paiva que andou parado durante um tempo voltou, para se destacar como um exímio desenhista cavando extravagantes figuras do imaginário num forte e alegre colorido. Outra revelação foram as fotografias de Cândido José na Quadra Galeria de Arte. Fachadas de automóveis em cortes perceptivos. Quase pintura. E evoluindo na pintura, começaram a aparecer, em 81, os trabalhos de Jorge Guinle Filho. Uma expectativa para o próximo ano.

AS DECEPÇÕES

PODE um excelente artista realizar uma equivocada exposição? Pode. Foi o que aconteceu com Franz Weissman na Galeria de Arte do IAB, entupindo-a de esculturas e evitando que o espectador processasse uma leitura objetiva do percurso de sua obra. Espera-se agora que se planeje com mais assepsia, uma retrospectiva de artista, fundamental na história das artes plásticas brasileiras. A exposição do IAB não valeu. Outra decepção do ano foi a programação do MAM. Começou bem, mas no final abrigou inúmeras exposições desnecessárias para lá. A Funarte ou melhor o Instituto Nacional de Artes Plásticas esteve quase todo o ano sem direção e quando resolveu

dirigir algo mais complicado que suas tradicionais exposições nas suas galerias naufragou em erros conceituais e o populismo da província. Como um mastro perdido em águas turvas, o confuso Salão Nacional. Pedem-se novas idéias para o próximo ano. Algo também decepcionante foram os Destaques Hilton de Gravura. Não pelos gravadores escolhidos. Mas, também, por falta de uma concepção nova. Perdeu-se a oportunidade de inovar ao propor a artistas como Amílcar de Castro, Eduardo Sued, Roberto Magalhães, Mira Schendel ou outros (era só escolher) uma experiência gráfica. Escolheu-se o já esperado. E viu-se o que todo mundo já viu. Uma pena.

AS EXPECTATIVAS

O próximo ano, talvez, não modifique a tendência de se procurar uma avaliação das obras do passado e de artistas passando dos 50 anos. As expectativas maiores estão nos 60 anos da Semana de Arte Moderna, nos 20 anos da morte de Guignard e a de Portinari. Exposições importantes estão sendo programadas como a de Amílcar de Castro, simultaneamente no

MAM e na galeria Saramenha. Essa, inclusive, cravando bons nomes na sua agenda. Roberto Magalhães, Aluísio Carvão, Cildo Meireles, por exemplo. O Instituto Nacional de Artes Plásticas e o MAM são dois lugares que mais se espera. O primeiro, procurando reformular o seu salão. O segundo, procurando, talvez, reformular tudo. Mas há esperanças.